

MEMORIAL VI – para onde os pernambucanos olham...

Vavá Paulino (*)

Entendemos que a autocrítica deva ser exercida com rigor extremo. Admitimos a necessidade deste exercício diário. Ou melhor, momento a momento, após cada ato das nossas ações históricas. Passado e futuro sempre estarão interligados no presente.

Em deferência muito especial ao nosso amigo Rodrigo Campos, que em caloroso e-mail fez uma concernente apreciação do nosso último artigo desta série de **memoriais**, resolvemos, através do apontar para onde os pernambucanos olham; atender ao seu pedido: “...quanto ao chão em que pisa... onde estão as estradas, as curvas, as bifurcações, as saídas? Para onde apontam? Será essa a sina do poeta, **mirar apenas nas texturas das pedras, na paisagem abstrata em movimento e na qualidade dos passos?**”

Ana Dubeux, em artigo publicado em sua coluna no Correio Brasiliense, em maio próximo passado, dialoga com nosso artigo publicado em abril. Coincidência? Sincronicidade? Ao falar da “*República do Bolo de Rolo*”, esta pernambucana conclui que talvez nos falte mesmo um pouco de modéstia! Concordo mesmo defendendo a tese de que a megalomania nos force a almejarmos sempre mais o melhor, e, conseqüentemente o crescer. Mas, vamos por os pés na BR 101 – só porque é ela que faz o percurso norte-sul. Do **zênite** ao **nadir!**

Um outro poeta já nos disse: “*Olhos arregalados para o mundo!*” (JMB). E onde está o nosso mundo? No nosso umbigo, ou em outra parte qualquer do nosso corpo que o pudor, a boa educação e o bom senso não nos permitem explicitar? Nas imagens da poesia cabralina percebemos, claramente, que Pernambuco é uma viagem retilínea e uniforme. Sabemos, através da sabedoria popular, que para caminhar basta seguir os próprios pés. Então, vamos olhar a geopolítica pernambucana? Onde teremos pistas, rodovias, estradas, caminhos e veredas?

Teatro é coisa de quem tem muito que fazer. Não dá pra perder tempo colocando obstáculos no caminho do outro. Uma busca de ascese deve ser o foco da nossa visão. No caminho particular de cada um de nós, já se apresentam tangentes, paralelas e perpendiculares suficientes para saltos e quedas. E a saída? Vejamos: litoral, mata, agreste e sertão. Esse olhar não seria o do colonizador? Façamos o caminho inverso. Ser tão agreste e matar o litoral. Metáfora de qual poesia?

As estradas vicinais do **Travessão do Ouro!** É de enigma em enigma que o mito da esfinge se perpetua. Se um dia Elis Regina cantou que o Brasil não conhece o Brasil, podemos parafrasear a letra da canção e concluir: Pernambuco não conhece Pernambuco! Da antiga comarca de Flores para o oco do mundo! O Pajeú está seco porque Tupã parou de chorar!

(*) **Vavá Paulino**, 43, é ator, diretor, arte-educador, poeta, performer e DIRETOR TESOUREIRO do SATED-PE.